



GASTÃO, Ana Marques; DAVID, Sérgio Nazar. *O olho e a mão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2018. 77p.

Maria Cristina Ribas

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Niterói, Rio de Janeiro / Brasil

marycrisribas@gmail.com

Recebido em: 22 de setembro de 2019.

Aprovado em: 4 de novembro de 2019.

Sempre que o livro de Ana Marques Gastão, poeta, crítica literária e ensaísta nascida em Lisboa, e o poeta brasileiro, pesquisador, crítico e professor de Literatura Portuguesa Sérgio Nazar David me chega ao olho e às mãos, me assombro de emoção. Diante deste livro, a visão é sinestésica. Lê-se com os olhos, os ouvidos, o olfato, o paladar, o tato. São 76 páginas de pintura e poesia diversas, com a 77^a ostentando pequena nota dos autores.

A coleção de telas escolhidas, dizem eles, vem da livre intuição. São 16 reproduções de quadros de artistas dos séculos 19 e 20, com projetos artísticos diversos. E dois poemas no entorno de cada imagem reproduzida em primorosa edição da 7Letras. Uma tela, dois poemas. Um trio de ímpares totalizando 48 peças. Na leitura, é preciso orquestrar cada concerto a seis mãos. Ao leitor, as batutas.

Na regência da leitura, talvez o primeiro efeito desse contato com a obra de Sérgio e Ana fique entre o encantamento e o desnorsteio. Perder-se, porém, é algo especialmente bem-vindo. Errar faz parte do processo e representa maior potência significativa do que o achar-se, especialmente quando este “achamento” diz respeito à automatização da

percepção. Ler *O olho e a mão*, duplicidade a que o próprio título nos convida, clama pela errância, pela beleza da palavra “erro” em português, no duplo sentido que ela permite: como oposto a acerto e como caminhar sem destino predeterminado.

Na errância da leitura, se o desejo do leitor é conhecer, as reproduções são identificadas, descritas em sua constituição material: a substância, o pintor, o autor da foto, o ano. Se, de outra forma, a opção é folhear fora da ordem sequencial, o arranjo do livro também permite. Inclusive é instigante ler em várias direções, de trás para a frente, do meio ao começo, da última página a qualquer outra. E, ainda, se a dinâmica da leitura é seguir a ordem das páginas, atentar-se a cada referência buscando articular palavra poética e imagem, resta perceber que os poemas não legendam as telas e que cada poeta constitui um tecido de materialidades poesia e pintura, reconstruindo-as e/ou implodindo o visível, o legível, o indizível.

Esta experiência, porém, desliza da prática habitual de leitura; não se trata de um trabalho “sobre” arte, nem “sobre” literatura. Ainda assim consegue promover indagações em torno da sua própria configuração interartística.

É possível captar o ponto neutro da oscilação entre o momento do (vi)ver e o ato de pintar, entre o gesto de escrever e o propósito de (se) representar? Como traduzir, na *poiesis*, a potência significativa do intervalo que a um tempo separa e une temporalidades distantes, espaços nem sempre vizinhos, expressões que clamam por uma aproximação dentro/fora delas mesmas? Quanto vale o instante que se assina fugaz e eterniza o leitor no injusto ponto entre o entendimento e o espanto, entre o enfrentamento e a fuga, entre parar numa ilha tranquila ou mover(se) num arquipélago de palavras e imagens sempre à espera de um tsunami?

Sob a regência do leitor, toda esta indagação há que se manter viva, sem sucumbir à inutilidade das respostas certas, das tomadas claras, das legendas óbvias, das assertivas ilustres que cancelam *senderos* que não se bifurcam.

Respostas em suspensão, mobilizado pelo fascínio do não sei e pelo desejo de achar, o olho do leitor se apodera do horizonte. Horizonte: a linha fina que desenha a proximidade dos corpos e das almas entre a terra e o céu, entre a palavra e a imagem. É quando o sol se esconde. Despindo-se das pálpebras e cingindo os cílios, estes flagelos do olhar, a retina se abre e enegrece, no desejo de captar o máximo de luz. Mas

quando a noite apaga a fronteira divisória, projeta sombra sobre as formas printadas na poesia de Sérgio e Ana. São nuances do pictural que liquefazem poemas e telas.

Pierrot lunaire (1924), de Klee, funde o humano ao astro iluminado em sua simplória e complexa redondeza: “E teu fogo, lívido-tu, iluminação em/mãos-bolha de criança anterior” (2018, p. 62), verso de Ana; *Vampyr* (1894), de Munch, no sombrio enlace amor e morte se avizinha a poemas que lhe agregam sentidos sem legendá-lo. Sérgio: “[...] Há sempre/ um quê de melancólico e fastidioso num rosto/ debruçado sobre outro. A sucção das margens –/ escápulas, clavículas [...] lembra estarmos ainda/ muito jovens bebendo a sós do próprio corpo” (2018, p. 65). A sombra opaca se insinua em *Seraphim* (1883-4), de Anselm Kiefer: escada reproduzida do pintor e escultor alemão que, plantada num esboço de infinito, sobe numa verticalidade enviesada que a suspende em direção ao que pode não ser céu...na capa do livro. Dentro, Ana escreve “A escada de metal”, mescla de outros dois poemas, conforme nota de rodapé. “Nem de dia era, nem de noite, e não se ouvindo/ tudo se ouvia” (2018, p. 69). E Sérgio, quando traz nos seus versos a mesma/outra escada de argila ou palha, bem como traz Velásquez, frente ao cavalete em *Las niñas*, canta: “O oculto é o nada, ao redor/ do qual o artista pinta (ou escreve).” (2018, p. 71).

Pode-se entrever o tom metalinguístico do verso. Talvez seja também uma chave de leitura que sugere como ler cada tríade – tela, poema de Sérgio, poema de Ana –, como inscrições ao redor do nada. Um nada que é tudo, lembrando Pessoa.

Estamos falando de uma leitura não só intelectual, mas que chama pela mão: mais lenta, mais tátil, imprescindível ao desfolhar das páginas, amparando as meninas, não agora as de Velásquez, mas as meninas-dos-olhos do leitor, em suas primeiras aventuras através do erotismo das palavras. Leitura como encontro digno, deliciosamente instável, fruindo imagens e poemas em justaposição, numa coreografia suntuosa de ímpares que se emparelham sem se complementarem. A justaposição de cada trio – tela, poema de Ana, poema de Sérgio – promove articulações impensadas, numa lógica suplementar, trazendo aos olhos um processo de iluminação mútua em que um texto não precisa do outro para “fazer sentido completo”, mesmo porque não há sentidos a completar.

Não há nada. Só versos e imagens redesfazendo-se nos entrefios da arte. Ana e Sérgio, Sérgio e Ana. Letras, tintas, memória, busca. Rosário,

teia, dicionário. Luz, caos, borbulhas. Na aventura do livro, estamos olhando e sendo olhados. Aquilo que é visível ou invisível em cada ler humano é um status variável em detrimento da bússola que o guia no espaço, da ampulheta que o dispersa no tempo, da pena que lhe rege a alma. Mas, no livro em tela, na experiência literária, os instrumentos de apoio são nada nem ninguém além de nós mesmos no contato com o outro.

No saudável descompasso da leitura de poesia, o leitor andarilho constrói seu caminho no passo, no tropeço, no ritmo dos pés métricos e livres. Tal liberdade é uma decorrência do admirável trabalho dos autores em tramar delicadamente a justaposição de artes e linguagens na superfície plana do papel, incluindo a liberdade da intuição em seu projeto literário. Um livro magnífico.